

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

GIANDOMENICO AMENDOLA **La Ciudad Postmoderna**

Madrid: Celeste Ediciones, 2000. 379 p.

por

PEDRO DE ALMEIDA VASCONCELOS

Universidade Federal da Bahia

Pesquisador CNPq

pavascon@uol.com.br

Trata-se da tradução (Marisa García Vergaray e Paulo Sustersic) do livro *La città posmoderna. Magie e paure della metropoli contemporânea*, de 1997. O interesse principal deste livro está no olhar de um sociólogo italiano, professor da Escola de Arquitetura da Universidade de Florença, que pode ser contraposto à recente literatura anglo-americana sobre a mesma temática, como, por exemplo, os textos de Nan Elin (1996), Edward Soja (2000) ou Michael J. Dear (2000).

O livro apresenta-se fragmentado em 15 capítulos, e a linguagem é sempre irônica, duas características aliás, apontadas como da pós-modernidade. De fato, o Amendola é bastante crítico, e a aparente fragmentação está relacionada à riqueza das diversas abordagens realizadas, que se refletem nos títulos provocativos dos capítulos.

Logo na Introdução, Amendola mostra o pouco impacto da pós-modernidade nas cidades italianas, nas quais não teria havido a mesma demanda de sonho e de evasão das cidades norte-americanas e suas ruas históricas estariam ganhando sobre os *shopping malls* urbanos. Mas adverte logo que “as arquiteturas pós-modernas não são a cidade pós-moderna”; elas seriam só um aspecto das pós-modernidade. De fato a pós-modernidade estaria marcando o *mindscape* da cidade, através de sonhos, medos, gostos e consumos.

O primeiro capítulo, “A cidade: obscuro e contraditório objeto de desejo” é dividido em três partes. Na primeira, o autor trata da fuga da cidade através dos processos de desurbanização e deslocalização, e já menciona as *Edge Cities* (cidades de margem) como uma parte da realidade urbana dos Estados Unidos. Em seguida comenta a cidade nova, que utiliza como sinônimo de cidade pós-moderna. Trata do processo de gentrificação e dos *waterfronts*, que teriam se convertido no coração da

cidade nova. Por outro lado, o *urban design* teria tomado o lugar do *urban planning*. O capítulo é concluído com “Imagens e metáforas da cidade”, quando afirma que quem entrou em crise foi a cidade-conceito, o modelo de cidade.

O segundo capítulo “O novo renascimento urbano e o mito da cidade”, é também dividido em três partes. Amendola inicia fazendo uma analogia entre o ecletismo simbólico realizado no *Ring* de Viena, com a atual ação de iconização na cidade contemporânea. Quando trata dos grandes mitos urbanos, comenta que o mito de Paris teria atravessado 300 anos, enquanto Nova York teria se convertido na cidade moderna por excelência. A seguir, trata da cidade e da hiper-realidade, quando afirma que o mito urbano se alimenta do mundo das mídias, sobretudo do cinema, e ironiza, afirmando que a melhor maneira de conhecer Nova York, seria ir ao cinema. Conclui o capítulo com “O reencantamento do Mundo”, quando faz os paralelos entre movimento moderno e o pós-modernismo: homogeneizar / diferenciar; racionalidade / identidade; universalismo / particularismo; função / prazer. Termina com a relevante afirmação: “Aumenta cada vez mais a diferença entre uma cidade renovada, brilhante, empacotada, imaginável, mercantilizada, deshistoricizada, vendável e desfrutável e aquela abandonada, real, carente de capacidade de imaginação e vivibilidade” (p.64).

O terceiro capítulo tem o mesmo título do livro, e é também dividido em três partes. Amendola inicia afirmando que a arquitetura pós-moderna, propriamente dita, é muito limitada. Na primeira parte, “A cidade-bricolagem”, comenta que a cidade fundada na lógica da centralidade espacial estaria cedendo para a cidade-colagem ou a cidade-bricolagem. Na cidade nova tudo seria presente e contemporâneo, pois não existiria o passado e a distância. Neste ponto faz uma afirmação interessante: a cidade histórica está a caminho de converter-se em uma imagem de si mesma, o que nos lembra o Pelourinho, em Salvador. A segunda parte é sobre o neo-barroco, quando comenta a atitude mental de contínua auto-ironia e auto-encantamento, e que a cidade panorama se transformaria em cidade espetáculo. O capítulo é concluído com “O cidadão pós-moderno”, quando o autor comenta que já não é possível observar a diferença entre alta e baixa cultura, entre o bom e o mau gosto, entre o *pop* e o elitista, entre o permanente e o transitório.

O quarto capítulo é sobre “A cidade porosa”, com referência a um texto de Walter Benjamin, publicado em 1924 sobre Nápoles, analisando sua porosidade e aparente irracionalidade. A primeira parte é sobre “Os nichos urbanos e os desejos”. Nesta parte, o autor afirma que a segmentação é um

dato estrutural, a porosidade da cidade. Segue, tratando do “El Fuali”, ou seja, do que é longe, ignorado, não habitado, para uma população de Burkina Faso, quando trata da nova cidade *Celebration*, do grupo Disney. Conclui com “A luz e a noite”, comentando que a luz elétrica tornou-se sinônimo de cidade.

O quinto capítulo, “Os princípios organizadores da cidade nova”, é composto por cinco partes. Inicialmente, Amendola comenta que a cidade nova cresce em cima e dentro da cidade velha, e que as transformações são profundas, mas às vezes, as formas físicas permanecem invariáveis. Na primeira parte, “O prazer e a beleza: o hedonismo das massas”, o autor afirma que a arquitetura pós-moderna nasce da lógica das mensagens publicitárias. A segunda parte, “O direito à beleza”, nos poderia remeter a H. Lefèbvre, pela demanda de uma beleza urbana acessível a todos. Porém, o mais importante vem a seguir, quando ele destaca a crise da sociedade puritana, que teria sua expressão na arquitetura moderna e racionalista, e o auge da nova cultura fundamentada no narcisismo e no hedonismo. A ironia de Amendola se revela quando trata dos “Arquitetos *superstar*”, “[...] que teriam se convertido nos novos sacerdotes do culto hedonista de massas” (p. 136, tradução do autor). No “Reencantamento urbano”, Amendola trata da obra de arte urbana, como instrumento de qualificação e requalificação das novas partes da cidade, com o destaque para o exemplo de Paris. O capítulo é concluído com “O primado da razão estética”, quando o autor, como Harvey (1989), lembra que a estética se encaminha para substituir a ética, tanto no planejamento urbano como nas relações pessoais.

“A Cidade da Simulação” é o título do sexto capítulo. A cidade nova derivaria da cidade espetáculo barroca, porém com a diferença da perda de distinção entre atores e público, entre representação e realidade. A cidade tem sido, segundo o autor, ao mesmo tempo, espelho, disfarce e simulacro. Ela se converteria em cidade-simulacro, à medida que imita o imaginário. Na única parte, “Viver como se”, Amendola destaca que a chave para compreender as principais mudanças da cidade e da sociedade é o conceito de experiência.

O capítulo sétimo é sobre a nova sociedade mediática e o princípio da realidade, dividido em duas partes. Na primeira, “A música e o relato da cidade”, Amendola comenta que o relato da cidade pode ser narrado, escrito, cantado ou desenhado. Na “Realidade, imaginação e hiper-realidade”, ele comenta que o cinema, em primeiro lugar, seguido pela televisão, fizeram o relato das cidades, e ironiza: que as renovações urbanas portuárias, seriam episódios de uma mesma série e que os parques temáticos e *Festival Markets* constituiriam versões urbanas das novelas. A

cidade pós-moderna imitaria o imaginário e reproduziria o passado, o mundo, e também a si mesma. Conclui afirmando que as estratégias comerciais, baseadas na nostalgia e na recuperação do passado, tenderiam a anular, na cena urbana, a distinção entre o passado e o presente.

O capítulo oitavo é sobre o nascimento das cidades sonho, dividido em três partes. Amendola começa comentando que a cidade da leveza e da ilusão estaria substituindo a *coketown* dura e instrumental, e que o prazer estaria tornando-se mais importante do que o funcionar. Para ele, as modalidades mais evidentes com que a cidade pós-moderna se afirmaria seriam: os espaços de consumo e da simulação, os lugares da hiper-realidade e os territórios da visão, como os *shopping malls* e os parques temáticos. Na primeira parte, “As passagens e o *flâneur*”, o autor comenta que a cidade termal européia teria sido a primeira cidade criada para a diversão e o consumo, para ser um espaço de evasão e auto-representação para a nobreza e a burguesia ascendente. Para ele, o *flâneur*, principal protagonista das passagens, era o burguês, que teria nascido na Paris das galerias e dos grandes bulevares. Por outro lado, as passagens-galerias constituiriam o arquétipo dos *shopping malls* atuais. Comenta, em seguida, a origem das grandes lojas de departamento, como o *Bon Marché*, de 1864, que teria inspirado romance de E. Zola. A última parte é sobre o *Crystal Palace* e as feiras mundiais, que seriam os antecedentes dos parques temáticos, das lojas de departamento e da Disneylândia. Nessa ocasião teria nascido o turismo organizado de massas.

A Cidade como parque temático é retomada, no capítulo nono, dividido em duas partes. Para o autor, o espírito da Disneylândia estaria presente na cidade pós-moderna, a própria cidade estaria se convertendo na Disneylândia, e toda cidade histórica estaria se transformando em parque temático, o que se aplica no caso do Pelourinho, em Salvador. Segue por “A cidade-delírio”, a partir do manifesto de R. Koolhaas, *Delirious New York*, com comentários sobre essa metrópole, e conclui com “Portas e Aeroportos”, quando lembra a forte capacidade imaginativa e simbólica das portas, marcando os limites entre o dentro e o fora da cidade, enquanto que os aeroportos seriam um dos não-lugares por excelência dos nossos tempos.

O capítulo 10 é sobre a cidade como museu vivo. A cidade, para Amendola, seria um texto, cuja leitura é difícil, pela complexidade das mensagens, pela polissemia das partes, pelas distintas habilidades e os diferentes códigos para os leitores potenciais. Em “Os novos *tableaux vivants*”, ele trata dos novos museus, quando comenta o aparecimento do conceito de *Edutainment*, ou seja, a combinação de *education* e

entertainment, lembrando que a palavra diversão foi substituída, na nossa língua, por “entretenimento”.

O capítulo 11 é irônico até no título: “Os *shopping malls*: do *flâneur* ao *buyer*”. O *shopping mall* teria nascido como uma invenção do mundo suburbano, como substituto da cidade para aqueles que viviam à margem da própria cidade. A única parte do capítulo também é irônica: “O *zapping* dos lugares”, sugerindo que cada um poderia, na cidade pós-moderna, praticar o “*zapping experiencial*”, ou seja, como na televisão, passar instantaneamente de um lugar para outro. Por outro lado, o *shopping mall* teria tendência a destruir a cidade real; a rua simulada, com ar condicionado, substituiria a rua real, o que é verdade em boa parte das cidades brasileiras.

O capítulo 12 é sobre os mercados, ágoras e acrópoles, quando Amendola menciona a crise dos espaços públicos na cidade contemporânea, que estariam sendo dissecados e reduzidos a simulações de uma dimensão desaparecida. A única parte é sobre a cidade do ar condicionado, no qual comenta que o *mall* é a simulação absoluta do sonho, e que a imagem pública tenderia a substituir o espaço público.

O capítulo 13 é sobre o multiculturalismo e o problema do outro. O autor trata das novas capitais do mercado global, incluindo, além de Nova York, Londres e Tóquio, São Paulo, que seriam cada vez mais ricas e potentes, porém ao mesmo tempo, mais pobres e desesperadas. A cidade pós-moderna seria a cidade da diversidade por excelência.

O capítulo 14, “Construir a imagem da cidade”, é dividido em três partes. Amendola inicia comentando que cada cidade tem uma imagem consolidada. Na primeira parte, sobre o *marketing* urbano, ele afirma que a notoriedade da cidade pós-moderna estaria relacionada a sua capacidade de produzir acontecimentos. A segunda parte é sobre as estratégias da aparência, quando lembra que os destinatários das imagens promocionais das cidades seriam os empresários, gerentes, políticos, jornalistas, turistas e intelectuais. A última parte é sobre Los Angeles, que seria herdeira de Paris, de Londres e de Nova York, como metáfora da sociedade de nosso tempo, e que praticaria o *marketing* urbano desde 1893, quando foi apresentada como *The Land of Sunshine*, na Feira de Chicago.

No último capítulo, o mais longo, “Os excluídos do sonho e a cidade blindada”, é revelado o “outro lado” da cidade pós-moderna, e serve de advertência: a nova cidade do imaginário e das imagens se situa ao lado da real e freqüentemente desagradável. Da discussão sobre explorados e exploradores passou-se para a dos incluídos e excluídos. O capítulo é

formado por seis partes. A primeira trata da ira dos excluídos: a cidade se descobriria vulnerável ao medo, e as tribos urbanas se formariam como reação emotiva ao perigo. Em seguida trata das pichações, que seriam o símbolo e metáfora do medo metropolitano. Continua com “A cidade e o medo”, que teria impulsionado a fortificação física e eletrônica da cidade. O cidadão metropolitano viveria bombardeado por sinais de perigo, e a casa suburbana estaria se convertendo em uma pequena fortaleza blindada, o que se aplica no caso brasileiro. Comenta as estratégias da defesa, como a difusão das armas e a privatização do espaço público e estabelece uma tipologia do espaço público seletivo: defendido pela invisibilidade; defendido pelo labirinto; espaço blindado, fechado por barreiras práticas e simbólicas; e espaço incômodo: o espaço que provoca ansiedade. Trata, a seguir, da outra cidade, onde o problema da defesa dos espaços está modificando algumas tipologias das edificações, como os vestibulos dos prédios. A última parte é sobre o pesadelo das comunidades-fortaleza, que nos Estados Unidos já contariam com 150.000 associações de proprietários, em 1992, nas quais viveriam 32 milhões de pessoas (p.343). Mesmo nesta parte é irônico: o subúrbio tentaria transformar-se em um *Country Club*, exclusivo e desejável. Conclui afirmando que para garantir o sonho existiriam os sistemas de segurança e, sobretudo, uma cultura privada que, pela diversidade das formas arquitetônicas e das normas dadas, lograria alienar o outro e a idéia mesmo da cidade.

Uma rica bibliografia, composta por 308 títulos, dos quais 200 em inglês, encerra o livro, juntamente com um índice analítico, sempre muito útil.

A riqueza das temáticas abordadas por Amendola dificulta a realização de uma síntese. Um pré-requisito para entender o livro é estar a par das mudanças culturais atuais e até do vocabulário específico em língua inglesa. Também é necessário conhecer a literatura e os eventos ocorridos no passado, como as transformações ocorridas nas cidades. Pode ser destacada a diferença dada pelo autor entre arquitetura e mesmo urbanismo pós-moderno, como algo menor e restrito em relação às mudanças na mentalidade atual, o que já foi tratado por D. Harvey (1989), quando comentou as mudanças da ética para a estética. As idéias deste livro serviram de base para o texto apresentado no VII Simpósio de Geografia Urbana, em São Paulo, comentando a Cidade Alta de Salvador, como um simulacro “histórico”, exemplificado na atual mentalidade pós-moderna (VASCONCELOS, 2003). Mas a principal contribuição do livro de Amendola está no alerta da parte final, que trata dos excluídos do sonho e que tem muito a ver com a atual cidade brasileira que, embora não

utilizemos a denominação de pós-moderna, reflete as mudanças atuais da nossa sociedade desigual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEAR, Michael J. *The postmodern urban condition*. Oxford: Blackwell, 2000.

ELIN, Nan. *Postmodern urbanism*. Cambridge: Blackwell, 1996.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. S. Paulo, Loyola, 1992 [1989].

SOJA, Edward. *Postmetropolis: critical studies of cities and regions*. Oxford: Blackwell, 2000.

VASCONCELOS, Pedro de A. A Cidade Alta de Salvador: de cidade colonial a “centro histórico pós-moderno”. In: CARLOS, Ana F. A; LEMOS, Amália I. G. (Org.). *Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003, p.110-118.

Recebido em 28/07/2003

Aceito em 18/09/2003